REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrangeiro (união geral dos correios).	5$000	2$500	—$—	—$—

11.º ANNO — VOLUME XI — N.º 355

1 DE NOVEMBRO 1888

REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO

LISBOA L. DO POÇO NOVO, ENTRADA PELA TRAVESSA DO CONVENTO DE JESUS, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.

CHRONICA OCCIDENTAL

Tem recrudescido n'estes ultimos mezes, d'um modo verdadeiramente grave e assustador, essa terrivel enfermidade, que faz todos os annos tantas ou mais victimas do que a tisica, do que o typho, do que a congestão, e que se chama — Suicidio.

Do mesmo modo que ha doenças peculiares a um paiz, como as sesões, como as escrofulas, como as hepatites, ha tambem doenças que parecem peculiares a uma época; o suicidio está n'este caso, é por assim dizer — se a phrase nos é permittida — a doença endemica do nosso seculo, da nossa civilisação.

E como acontece com a variola, com a coqueluche, com a escarlatina, com a pneumonia, que tem certos periodos de aggravação em que assumem um caracter quasi epidemico, o suicidio tambem tem épocas em que se aggrava mais, em que os casos se repetem, se succedem e se accumulam d'uma maneira inquietadora.

Hoje, estamos precisamente n'um d'esses periodos.

E não é só em Lisboa que essa recrudescencia do mal se dá, é em toda a parte. Os nossos jornaes trazem-nos todos os dias, como uma secção obrigada, noticias de suicidio, ás tres e ás quatro, mas os jornaes que nos vêm de Madrid e de Paris, apparecem tambem cheios de noticias do mesmo genero, o que prova que o aggravamento da enfermidade se alastrou por todas as capitaes

CONDE DE S. SALVADOR DE MATTOSINHOS — FALLECIDO NO RIO DE JANEIRO EM 17 DE OUTUBRO DE 1888

(Segundo uma photographia)

da europa e constitue uma verdadeira e terrivel epidemia.

Não estamos de modo algum fazendo rhetorica, não estamos exaggerando os factos, para á sombra d'esse exaggero podermos dar vasão a longas tiradas de philosophia social sobre o suicidio — uma maneira como qualquer outra de encher papel e de fazer estylo; — não exaggeramos nada, nem temos artigo d'antemão estudado para impingir a proposito de um tiro que ninguem ouviu, e vamos proval-o.

Que não exaggerâmos, provâmol-o infelizmente, com as estatisticas da França, que das nossas não temos conhecimento.

Em França, no anno de 1887, houve a bagatella de 7572 suicidios, o que dá a média assombrosa de mais de 20 suicidios por dia!

A analyse das parcellas d'esse terrivel total é deveras curiosa.

2168 suicidios foram causados por doenças cerebraes (alienação, hyppocondria, monomania, imbecilidade).

1228 por desesperação de cura em doenças mortaes e dolorosas.

202 de criminosos para se furtarem ao cumprimento de penas judiciaes.

25 por aborrecimento do serviço militar.

89 pela vergonha d'uma má acção.

809 por embriaguez e alcoolismo.

305 por difficuldades de dinheiro.

483 por miseria ou receio d'ella.

100 por perda d'emprego, de demandas ou perdas ao jogo.

56 pela dôr occasionada pela morte de parentes queridos.

975 por desgostos domesticos não especificados.

905 por causas desconhecidas.

27 por ciumes entre esposos ou amantes.

200 por amores contrariados ou não correspondidos.

Estas cifras provam bem que não exaggeramos o mal, e a prova de que não tinhamos tirada nenhuma feita com premeditação ácerca d'esse mal e dos seus remedios, é que vamos buscar essas considerações a um excellente artigo, que Henry Fouquier escreveu ha dias, ácerca do suicidio e especialmente do suicidio por amor.

Em todos os tempos tem havido suicidios, diz elle, mas o que não se pode contestar é que de anno para anno o suicidio se torna mais frequente na Europa conhecida.

O mal attaca todas as classes, democratisa-se como tudo se democratisa no nosso tempo, até mesmo o vicio. Hoje mata-se qualquer pessoa, puramente por um sim, por um não.

E ao mesmo tempo que é mais frequente do que na antiguidade, o suicidio contemporaneo tem um outro caracter, um alcance social inteiramente diverso.

Referindo-se aos suicidios d'amor, o illustre chronista observa que d'antes ninguem se matava pelas mulheres. Tibullo, Propercio e Ovidio, os grandes elegiacos, tiveram amores infelizes ou tragicos. Consolavam-se contando-os e cantando-os.

Quem canta o seu mal, encanta — escreveu um poeta provençal da raça latina, e é d'ahi que vem naturalmente o ditado «quem canta seus males espanta».

Assim é que faziam os amorosos d'outro tempo.

Hoje o amor torna-se feroz, já não tem lagrimas, as «doces lagrimas» em que fallavam as canções tocantes dos pastores, o doce pungir de acerbo espinho, de que falla Garret.

Hoje, como diz Fouquier: é sangue o que exige em libações o altar dos nossos amores, onde o malicioso mas bom Cupido foi substituido pela estatua d'um Moloch, devorador d'existencias.

Ah! pobres creanças que se matam por amor, diz o brilhante chronista, se soubessem com que doçura infinita, com que sorriso cheio de melancolia e ao mesmo tempo de ternura, na pacificação do tempo, apparecem as recordações dos grandes desesperos da paixão... São dores que acabam por se transformar em alegrias. Com as paixões acontece o mesmo do que com as viagens arriscadas e trabalhosas, de que, uma vez em casa, se conservam apenas as boas recordações. Lamento profundamente quem não tiver passado por essas provas. Longe de mim a idéa de advogar a causa da fria indifferença, do prazer que não vem da ternura, e não é preciso ser poeta para saber o valor das lagrimas. Mas livrem-se dos amores que degeneram n'um mal physico que levam ao furor.

É uma doença verdadeira de que é preciso curarem-se depressa.

A vida com os seus deveres, com os seus trabalhos, com as suas ambições tem remedios: o proprio amor tem desforras. E de facto em desesperos d'amor o melhor é ainda desesperar, como Orante, esperando sempre!

Mas não se limita apenas a questões d'amor o bello artigo de Fouquier, vae mais longe: attaca de frente a questão generica do suicidio e sem medo de que o alcunhem de reaccionario, elle, um dos mais modernos e mais brilhantes chronistas da França, põe o dedo na ferida, vae direito á causa principal d'esta febre de suicidio que invade a sociedade moderna, e que chega até a atirar para a cova, no alvorescer da vida, um rapaz intelligente, que se demitte do mundo, por se ver demittido d'uma escola, como esse pobre e allucinado guarda-marinha que ha dias se matou com um tiro de revolver, por ter sido reprovado no ultimo exame de tolerancia que fez na Escola Naval; que chega até a levar uma rapariga de 16 annos a dar cabo da vida, por que a sua patrôa lhe ralhou, como aquella creada de servir, que ha semanas se precipitou da janella d'um 3.° andar para a rua, por sua ama a ter reprehendido.

«Eu não quero dissertar sobre o suicidio, diz Henry Fouquier, quero sómente constatar que a idéa christã, que faz da vida terrestre uma prova e uma passagem transitoria para o homem, é uma grande idéa, extremamente pratica, como o é quasi toda a moral do catholicismo. Essa moral é hoje menos ouvida, menos severamente seguida que d'antes, e para o suicidio, como para muitas outras coisas, chega-se a notar que falta um contrapeso e um freio ás paixões e aos impulsos humanos.

«Eu não sou d'aquelles que lamentam a liberdade do espirito na humanidade. Mas quanto bom senso, quanta força moral são necessarias aos homens livres de todo o dever superior aos deveres humanos! Que perigo que é essa concepção da vida tendo a felicidade por unico fim! Dado elle comprehende-se bem que os desgraçados, que fazem os calculos e o orçamento das alegrias que podem esperar e dos desgostos que devem soffrer, sommando as contas, não tenham a defendel-os do suicidio senão uma repugnancia physica, uma legitima cobardia do corpo, que um momento de exaltação basta para fazer esquecer!

Deixemo-nos porém, agora, de cousas tristes, vamos a assumptos alegres, que no fim de contas e graças a Deus não é só de tristezas que se compõe o mundo.

Hoje temos a grande novidade da semana, que é ao mesmo tempo e todos os annos a grande novidade do inverno de Lisboa, a abertura do theatro de S. Carlos.

Foi na noite de 28 essa inauguração da epoca, e se o sr. Campos Valdez fosse hespanhol, teria motivos para estar muito contente, porque dizem que os hespanhoes não gostam de ver bons principios aos filhos.

Mas, mesmo sem ser hespanhol, o illustre empresario de S. Carlos não tem muitos motivos para estar triste.

A recita da inauguração foi tempestuosa, é verdade, mas d'essa tempestade salvou-se com grande gloria, uma artista, a figura mais importante das que se estreiaram, aquella que é uma das chaves da companhia, e que se cahisse, então é que poria em graves embaraços a empreza: — a primeira dama dramatica, que ha de fazer toda a época.

Como já se sabe, o theatro abriu com a famosa *Aida*, de Verdi, e n'essa opera todos os principaes executantes eram absolutamente novos para Lisboa: a sr.ª Eva Tetrazzini, *Aida;* a sr.ª Renée Vidal, *Amneris;* o sr. Migliori, *Rhadames;* o sr. De Bernis, *Amonasro* e *Ramphis*, o sr. Boruchia. Ora de todos estes artistas apenas a sr.ª Tetrazzini figura no primeiro plano para toda a época.

A sr.ª Vidal, a meio soprano, está apenas escripturada até ao fim do mez, em que é substituida pela Pasqua; o sr. Megliori, o tenor, está no mesmo caso, pois veiu apenas por dez recitas emquanto não chega o primeiro tenor da época, que é o sr. De Bergi; o sr. De Bernis figura no elenco no 2.° plano, como no anno passado o sr. Terzi, visto que o 1.° barytono é o Batistini, e o sr. Boruchia é um segundo baixo.

Comprehende-se pois que de todos estes artistas, aquella de que o desagrado seria uma questão séria para a empreza, era evidentemente a primadona dramatica, a sr.ª Tetrazzini.

Pois foi essa precisamente a que mais agradou, e não só «que mais agradou relativamente» a que agradou a toda a gente, em absoluto, a que teve um verdadeiro *successo*, se não manifestado em ruidosas ovações, confirmado pela opinião de todo o publico, de gregos e de troyanos, mesmo d'aquelles que mais hostis se mostravam á companhia, que tinham quasi que vontade de achar tudo mau.

E a sr.ª Tetrazzini justifica plenamente esse agrado geral; merece-o bem, não o roubou, nem o deve ao accaso; deve-o aos seus formosos dotes artisticos ás suas primorosas qualidades de cantora, que a pozeram logo em evidencia ás primeiras notas que soltou.

A sua voz, que não é de grande volume, mas que se ouve excellentemente em S. Carlos, é d'um timbre delicioso, d'uma suavidade encantadora, d'uma afinação segurissima.

E a illustre cantora, apesar de não ter atraz de si uma longa carreira artistica, sabe usar d'essa voz maravilhosamente, canta com muita arte, com muita comprehensão, phrasea muito intelligentemente, com um profundo sentimento dramatico, a sua accentuação é perfeita, o seu jogo de scena primoroso, sem exaggeros, sem *poeira aos olhos*, com uma grande consciencia artistica e uma linha delicada e elegante.

É uma artista a valer, uma artista que ascende com toda a força a summidade, e que pelos brilhantes dotes que revelou na interpretação da *Aida*, e pela maneira triumphante como se soube salvar do naufragio que ia fazendo sossobrar a opera, dá todo o direito a esperar que fará entre nós carreira gloriosa.

Physicamente a sr.ª Tetrazzini é uma italiana bonita, graciosa, muito elegante e gentil, extremamente sympathica.

A sr.ª Vidal, a meio soprano, tem uma boa voz, representa bem, comprehendeu e accentuou excellentemente o personagem de *Amneris*, e fez d'uma maneira distincta a scena do julgamento.

Perante um publico menos hostil, menos mal disposto, essa scena ter-lhe-hia valido applausos; assim com a sala da primeira noite de S. Carlos, passou em silencio injustamente.

O sr. Migliori, o tenor, é que foi a victima do publico. Cahiu-lhe logo em desagrado, mesmo antes de haver razões para isso, e esse desagrado manifestado ruidosamente e extemporaneamente não era de molde a animal-o a grandes commettimentos, a fezel-o triumphar do publico hostil, ainda mesmo que elle tivesse dotes artisticos mais poderosos do que na verdade tem.

A sua voz é muito desegual; tem algumas notas bonitas, sobre tudo no registo alto, mas outras são desagradaveis, e a mesma desegualdade se dá no seu modo de cantar.

Entretanto elle teve a habilidade de nunca provocar por uma *fifia* ou por qualquer disparate de execução, essas pateadas medonhas, unisonas, immediatas, que fulminam um artista. Até pelo contrario, nas situações difficeis, exactamente quando se esperava que elle cahiria redondamente, é que elle se sustentava com mais energia, não dando flanco á pateada, que apenas nos fins dos actos e pelo andamento da opera, sem se explicar por determinadas situações, se fez ouvir, não unanime, mas sem opposição, mostrando que o cantor desagradava na sua linha geral.

O sr. De Bertis não teve palmas nem pateada; a sua voz não é má, mas o seu defeito como cantor e como actor é o exaggero, exaggero na accentuação da phrase, exaggero na accentuação do personagem.

O sr. Boruchia, como 2.° baixo, pareceu-nos muito rasoavel e agradou geralmente.

Da primeira noite de S. Carlos, resumindo, apurou-se que havia na companhia uma artista excellente, a sr.ª Tetrazzini; e alem d'ella, seguros já de anteriores, ha a Pasqua, que já todos sabemos quanto vale, e o Batistini que todos dizem valer immenso.

Da segunda ordem apurou-se mais um artista distinctissimo, com que se não contava muito — o tenor Signorini.

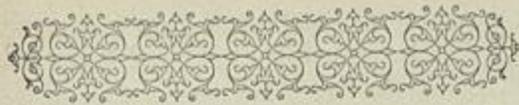
O tenor Signorini debutou no *Trovador* sem reclames nem annuncios pomposos.

Os dois primeiros actos do *Trovador* foram por agua abaixo, mas no 3.° acto o sr. Signorini, cantando magistralmente o adagio da sua aria, venceu a hostilidade do publico, obrigando-o a applaudil-o.

Em seguida Signorini cantou com uma bravura extraordinaria, com um grande poder de voz, o *Corro a salvarti*, que produziu um enthusiasmo doido.

O 4.° acto do *Trovador* foi magistralmente cantado pelos tres artistas Signorini, Tetrazzini e Vidal, e assim terminou por um *successo* enorme o *Trovador*, que começára por um ruidoso fiasco.

De Battistini, fallaremos na proxima chronica.

Gervasio Lobato.

AS NOSSAS GRAVURAS

O CONDE DE S. SALVADOR DE MATTOSINHOS

Está de luto a colonia portugueza, no Rio de Janeiro, pela infausta morte do conde de S. Salvador de Mattosinhos, occorrida no dia 17 de outubro findo.

Ao luto dos nossos irmãos, em além-mar, corresponde o luto da patria do benemerito fallecido, patria que elle estremecia, nas mil provas de dedicação que sempre lhe deu, e no muito que a honrou, lá por essas terras de Santa Cruz, onde elle exerceu toda a actividade do seu espirito e expandiu todas as bondades do seu coração magnanimo.

D'entre os portuguezes que vão consumir no Brasil a sua mocidade robusta e sadia e com ella as primicias da sua intelligencia, no labotar incessante da vida trabalhosa e difficil, poucos logram alcançar a fortuna, que se traduz na abastança e nas considerações sociaes, como alcançou o conde de S. Salvador de Mattosinhos.

Nasceu em casa humilde e elevou-se aos palacios sumptuosos, sem que no immenso caminho que percorreu, se esquecesse do seu berço modesto e dos que, como elle, luctavam pela vida, menos favorecidos da fortuna.

O conde de S. Salvador de Mattosinhos, João José dos Reis, nasceu na freguezia de Mattosinhos a 11 de maio de 1820, filho de Francisco José dos Reis e de D. Rita Rosa da Silva Reis, modestos lavradores de Bouças.

Foi para o Brasil em 1833, contando apenas 13 annos de idade, e alli dedicou-se á carreira commercial, para o que tinha particular inclinação, o que lhe valeu em poucos annos o estabelecer uma casa commercial, casa que ainda hoje continua, dirigida por seu filho primogenito o sr. visconde de Mattosinhos, associado com o sr. commendador João Innocencio Borges, genro do fallecido.

Este importante estabelecimento foi dirigido por mais de cincoenta annos pelo conde de S. Salvador de Mattosinhos, e o acerto e intelligencia com que conduziu os seus negocios, tornou-se notavel entre a classe commercial, que lhe dispensou a maior confiança e a mais expontanea consideração.

Assim, foi fazendo João José dos Reis a sua reputação de homem de alto commercio, ao mesmo tempo que as qualidades reveladas do seu coração bondoso, lhe granveavam as profundas sympathias dos seus compatriotas e dos brasileiros.

Casou no Rio de Janeiro com D. Josephina Maria do Amaral Reis, filha do major Antonio José do Amaral. Pouco tempo, porém, durou este consorcio; em 1847 enviuvou, ficando-lhe dois filhos.

Passou depois a segundas nupcias com a sr.ª D. Henriqueta Januaria da Silva Reis, actual condessa de S. Salvador de Mattosinhos, que lhe deu vinte filhos, dos quaes apenas são hoje vivos nove.

Os cuidados que esta grande familia lhe reclamava, não o faziam afrouxar nas suas preoccupações commerciaes, nem nos muitos encargos officiosos que desempenhava nas instituições de beneficencia e outras a que pertencia.

A sua grande actividade chegava para tudo, e antes que o physico cançasse, o espirito avigorava-lhe as forças, pelo desejo que tinha de ser util a todos.

Homem privilegiado n'esta epoca de egoismos, thesouro de dotes preciosos que difficilmente se encontram, espirito illuminado pelo bem, por essa luz que é a aureola dos benemeritos da humanidade.

O conde de S. Salvador de Mattosinhos foi um verdadeiro benemerito. O seu enorme trabalho não inutilisou só a elle, ás suas vaidades, aos seus caprichos.

Primeiro viveu para o trabalho que lhe deu a riqueza, depois viveu para repartir parte d'essa riqueza.

Uma mocidade cheia de fé e de esperança, depois uma velhice cheia de consolações e de bençãos.

*
* *

A carencia de notas biographicas que temos, não nos permitte seguir passo a passo a vida do conde de S. Salvador de Mattosinhos; mas nos escassos apontamentos que podemos obter, encontramos ainda assim o bastante para provar a sua extraordinaria actividade, quer tratando-se de emprezas commerciaes, quer de instituições e actos de beneficencia.

Nas primeiras encontramol-o á frente das principaes companhias e estabelecimentos bancarios do Rio de Janeiro.

Era ha muitos annos presidente da Companhia Brasileira de Navegação a Vapor e do Banco Commercial do Rio de Janeiro.

Foi o principal fundador do *Brasilian, Portuguese Bank*, actualmente *Englis Bank of Rio de Janeiro*, cuja séde é em Londres, com filiaes em Lisboa, Porto e Rio de Janeiro. Foi tambem um dos fundadores das companhias de seguros *Garantia*, *Confiança*, *Fidelidade*, *Bonança* e outras, além da Companhia Commercio e Lavoura. Socio e presidente honorario das Associações Commercial do Porto e de Lisboa. Exerceu longo tempo, o cargo de director secretario do Banco do Brasil e da Associação Commercial do Rio de Janeiro, além de muitas outras commissões que omittimos, para não alongar demasiadamente esta noticia biographica.

Exerceu, até á pouco, o cargo de membro da Commissão consultiva do consulado geral de Portugal, no Rio de Janeiro, sendo louvado, por varias vezes, pelo governo portuguez.

A lista das Sociedades de beneficencia e instrucção, a que elle pertencia, é tambem grande.

Socio benemerito do Gabinete Portuguez de Leitura do Rio de Janeiro, a mais antiga sociedade fundada por portuguezes, no Brasil, do Lyceu Litterario Portuguez, do Retiro Litterario Portuguez; presidente honorario e protector da Associação Homenagem ao conde de S. Salvador de Mattosinhos; socio honorario da Associação Industrial do Rio de Janeiro; socio correspondente da Sociedade de Geographia de Lisboa, tendo feito parte da commissão installadora da secção d'esta sociedade no Rio de Janeiro.

Creou ha tres annos o Asylo Profissional da Beneficencia Portugueza, para os filhos dos portuguezes pobres, fallecidos no Rio de Janeiro, onde já se acham recolhidas mais de setenta creanças do sexo masculino e recebem a educação e ensino necessario.

Durante mais de vinte annos foi presidente da Sociedade Portugueza de Beneficencia no Rio de Janeiro, recebendo ultimamente o titulo de presidente perpetuo e protector da referida sociedade. Socio protector da Caixa de Soccorros de D. Pedro v, dos Albergues Nocturnos de Lisboa e presidente da commissão promotora de donativos para o albergue; socio da Sociedade Beneficente Luzitana, em Montevideu, e de muitas outras sociedades de beneficencia e de instrucção a que sempre prestou os seus valiosos serviços.

Na grande epidemia de febre amarella, que assolou o Rio de Janeiro, em 1873, assumiu a presidencia da commissão dos hospitaes, creados n'aquella occasião, para soccorrer os doentes.

Foi egualmente presidente da commissão de soccorros aos inundados de Portugal em 1876, e á sua influencia se deve a importante somma que foi enviada para Lisboa e entregue a sua magestade a rainha D. Maria Pia.

Como membro da Companhia *Confiança*, tomou a iniciativa de propôr o rateio de 5:000 réis por acção, proposta que foi approvada, produzindo o rateio 87:500$000 réis, que foram divididos em partes eguaes e distribuidos por oito instituições de caridade, em que foi contemplada a confraria do Bom Jesus de Mattosinhos. Foi um dos mais desvelados protectores da Officina de S. José, instituição pia, na cidade do Porto, onde recebem educação e aprendem officios, um bom numero de creanças pobres.

Finalmente a acção benefica do conde de S. Salvador de Mattosinhos estendia-se a todas as obras do bem que fossem mitigar qualquer desgraça que reclamasse o seu auxilio. A sua individualidade impoz-se pelo trabalho e pelo bem, formando um conjuncto de virtudes, que deveras o destinguiu mais que as honrarias officiaes que lhes deram.

O modesto filho de Mattosinhos antes de ser conde já era um cidadão respeitavel, já tinha o prestigio que cerca os homens meritorios, já alcançara essa superioridade que o fazia chefe da colonia portugueza no Rio de Janeiro.

Entretanto o governo portuguez premiou os serviços d'este benemerito, agraciando-o, em differentes epochas, com o grau de Cavalleiro da Ordem de Nossa Senhora da Conceição, titulo de moço fidalgo cavalleiro da casa real, commendador da Ordem de Christo, carta de conselho, visconde de S. Salvador de Mattosinhos e depois conde, e ultimamente grã-cruz de Christo.

O governo do Brazil tambem galardoou os seus serviços conferindo-lhe o grau de cavalleiro e depois commendador da ordem de Christo, commendador da Imperial Ordem da Roza, e além d'estas mercês, a caixa de Soccorros de D. Pedro v offereceu-lhe uma medalha de honra e a Real Associação Humanitaria do Porto tambem lhe offereceu outra medalha de ouro.

O conde de S. Salvador de Mattosinhos deixa onze filhos, do qual o mais velho é o sr. visconde de Mattosinhos, que segue as tradicções de seu pae, e que é proprietario de um dos primeiros jornaes do Rio de Janeiro — *O Paiz*.

Actualmente está em Portugal o sr. Henrique Reis, tambem filho do fallecido, e que é director da companhia *Confiança*.

Á familia do illustre finado e prestante portuguez, enviamos o nosso pezar.

OS VETERANOS — QUADRO DE MALHÔA

Na sala D. Luiz, da Exposição Industrial Portugueza, onde a arte nacional exibe alguns dos seus productos mais estimados, encontramos o quadro que faz o assumpto da gravura de pag.ª 244 e que não deixa de impressionar o publico que visita a exposição.

O assumpto d'este quadro é bastante popular, e se as suas acanhadas dimensões não apertassem demasiadamente os personagens, a obra do artista seria mais completa, porque os typos são bem achados, principalmente o do velho veterano que conta qualquer episodio das suas campanhas, aos outros que o escutam elevados.

Este quadro do sr. Malhôa é um dos melhores que se veem na exposição, e por isso aqui o reproduzimos, no empenho de tornar conhecidas as producções mais notaveis dos artistas nacionaes.

PRESENTES

OFFERECIDOS PELA COLONIA PORTUGUEZA EM PERNAMBUCO AOS PERNAMBUCANOS QUE TOMARAM PARTE NA LEI QUE ABOLIU A ESCRAVATURA NO BRAZIL

A colonia portugueza em Pernambuco celebrou, com grandes festas, a abolição da escravatura no Brazil, e organisou uma commissão de festejos que promoveu publicas demonstrações de regosijo pelo glorioso acontecimento, nos dias 12 e 13 de junho proximo passado.

Fez parte do programma dos festejos, o serem offerecidos pela colonia portugueza, tres brindes commemorativos, aos pernambucanos que mais se distinguiram na grande lucta que se travou para o triumpho da idéa redemptora, que devia converter-se na lei que aboliu por completo a escravatura, no imperio americano.

Os filhos de Pernambuco que, com a sua palavra, escriptos e influencia politica, mais concorreram para a libertação dos escravos pela lei de 13 de maio de 1888, foram o conselheiro João Alfredo, presidente do governo, que decretou essa lei; dr. Joaquim Nabuco, deputado que mais a defendeu no parlamento e na imprensa do Brazil; e o dr. José Marianno Carneiro da Cunha, que tambem tomou parte na defeza do abolicionismo.

O sr. Antonio Joaquim Barbosa Vianna, secretario da commissão dos festejos, teve a amabilidade de nos informar das festas que se realisaram em Pernambuco, e de nos enviar as photographias dos brindes offerecidos, que nós hoje reproduzimos no Occidente.

É-nos sempre agradavel o registrarmos n'estas paginas os factos honrosos que distinguem os nossos irmãos no Brasil, que nos affirmam a vida e força da grande colonia portugueza espalhada por todo aquelle paiz.

Os brindes offerecidos são verdadeiros primores de ourivesaria, delineados e executados por dois compatriotas nossos, estabelecidos em Pernambuco, de que apenas sabemos o nome de um, o sr. Alfredo Couceiro.

O brinde offerecido ao conselheiro João Alfredo, consta de uma pasta de veludo azul, sobre a qual assenta uma pyramide de ouro, encimada por uma estrella com um brilhante. A meio da pyramide vê-se um oval guarnecido de brilhantes, tendo ao centro o monogramma J. A. tambem formado com brilhantes. Por cima d'esta oval está gravada, na pyramide, a seguinte inscripção: *Ao conselheiro João Alfredo, chefe do gabinete 10 de março*. Por baixo outra inscripção que diz: *Homenagem da colonia Portugueza em Pernam-*

buco. Na base da pyramide e no friso superior ha uma fileira de brilhantes, por baixo lê-se: *Decreto 3353 de 13 de maio de 1888.*

A pyramide tem em volta uma corôa de prata representando folhas de louro e carvalho com bagas de ouro, presa por um laço de fita de prata. Em volta da pasta estão assentes dezenove estrellas, sendo dezoito de prata, que symbolisam dezoito provincias do imperio, e uma de ouro, que assenta sobre o vertice da pyramide, como já dissemos, symbolisando a provincia de Pernambuco.

Dentro d'esta pasta foi a dedicatoria, assignada pela commissão encarregada da offerta.

O brinde offerecido ao dr. Joaquim Nabuco, é uma escrevaninha de prata com caneta de ouro ornada de brilhantes, perolas e rubins. Acompanha esta escrevaninha uma carta de visita de prata em fórma de losango, sobre a qual assenta uma pyramide de ouro em que está gravada esta dedicatoria: *Ao dr. Joaquim Nabuco estrenuo evangelisador da liberdade e o mais esforçado propugnador da redempção dos escravisados, offerece a Colonia Portugueza em Pernambuco como preito de admiração.* A meio da pyramide lê-se, entre uma oval de brilhantes, esta outra inscripção: *Decreto 3353 de 13 de maio de 1888.* A base da pyramide é guarnecida por uma facha de brilhantes.

O brinde offerecido ao dr. José Marianno Carneiro da Cunha, é um estojo forrado de *chagrin* e setim, contendo os utensilios de escripta, tudo de prata com ornatos dourados, sendo a caneta semelhante á offerecida ao dr. Nabuco. Acompanha tambem este estojo uma carta de visita, de prata, semelhante á já descripta, tendo na pyramide a seguinte legenda: *A Colonia Portugueza em Pernambuco, ao esforçado defensor do abolicionismo dr. José Marianno—Decreto 3353.*

Este brinde foi entregue ao sr. dr. José Marianno na occasião das festas realisadas pela colonia portugueza. Os outros dois presentes foram enviados para o Rio de Janeiro no paquete que sahiu de Pernambuco em 24 de setembro proximo passado.

Estas e outras manifestações da colonia portugueza no Brazil, provam o quanto os portuguezes se interessam e se regosijam com os progressos d'aquella sua segunda patria.

CALDAS DE MONCHIQUE

A nossa gravura de hoje tem ligação immediata com a que publicámos em o numero 353, da villa de Monchique. No artigo com que acompanhámos essa gravura, pozemos em relevo as bellezas naturaes da formosa Cintra do Algarve. Agora resta-nos dar a conhecer as magnificas Caldas de Monchique.

Na serra de Monchique, a 6 kilometros ao sul da villa, entre frondosos arvoredos e n'um estreito valle, encontram-se as Caldas de Monchique, de preciosas aguas thermaes, que rivalisam com as melhores do paiz e do estrangeiro, para o tratamento de rheumatismos, nevroses, molestias cutaneas, etc.

Principiou o aproveitamento d'estas aguas n'um pequeno estabelecimento fundado pelo bispo do Algarve, D. Simão da Gama, como se vê por uma inscripção que ainda lá existe, e diz: *Esta obra mandou fazer D. Simão da Gama, sendo bispo d'este reino. Era de 1692.* Parece, entretanto, que nos annos de 1495 já eram conhecidas as virtudes das aguas thermaes de Monchique, porque D. João II alli foi fazer uso d'ellas, antes de morrer em Alvor.

O estabelecimento foi augmentando com o tempo, sob a protecção dos bispos do Algarve, protecção que durou até 1835, em que as Caldas passaram a estar sob a administração do governador civil do districto.

Actualmente o edificio acha-se disposto da seguinte fórma: um extenso corredor, em direcção norte sul, tem dos lados quartos para os doentes e uma enfermaria para os pobres. Os banhos, que aproveitam a agua de quatro nascentes que rebentam na rocha, são em numero de tres, com capacidade para tomarem banho cincoenta doentes ao mesmo tempo. Ao centro do edificio ha uma capella dedicada a S. João de Deus. Em uma vasta sala se reunem os banhistas e ahi se distrahem com differentes jogos e improvisam alegres bailes, para o que tem a sala um piano.

A hospedaria do estabelecimento é muito regular, offerecendo aos seus hospedes uma boa meza, pois o sitio é abundante de boa caça, legumes, hortaliças e fructas que custam muito baratas.

As Caldas tem no tempo dos banhos, um medico permanente, que vigia o tratamento dos doentes.

As Caldas de Monchique, offerecem, portanto, todas as commodidades compativeis com este genero de estabelecimentos, ao que juntam as bellezas naturaes do sitio, e os bons ares saudaveis perfumados pela exhalação dos pinheiros e outras arvores que povoam a serra.

Frequentam, principalmente, estas Caldas, os povos do Algarve, Alemtejo e Andaluzia; mas hoje ha vias, relativamente faceis, que permittem o ir gozar os beneficios das Caldas de Monchique, os habitantes de outros pontos do paiz.

Pela via terrestre póde-se ir até Beja no caminho de ferro, e d'aqui em carro ou a cavallo até Monchique. Pela via maritima, vae-se no vapor até Portimão, e alli ha uma estrada real para Monchique. O caminho de ferro do Algarve deve, porém, facilitar extraordinariamente a concorrencia a estas Caldas, e crear alli mais um ponto de reunião para os banhistas do paiz, na estação propria, pois não lhe faltam attractivos para isso.

EXPOSIÇÃO INDUSTRIAL PORTUGUEZA COM UMA SECÇÃO AGRICOLA

SECÇÃO DE BELLAS-ARTES

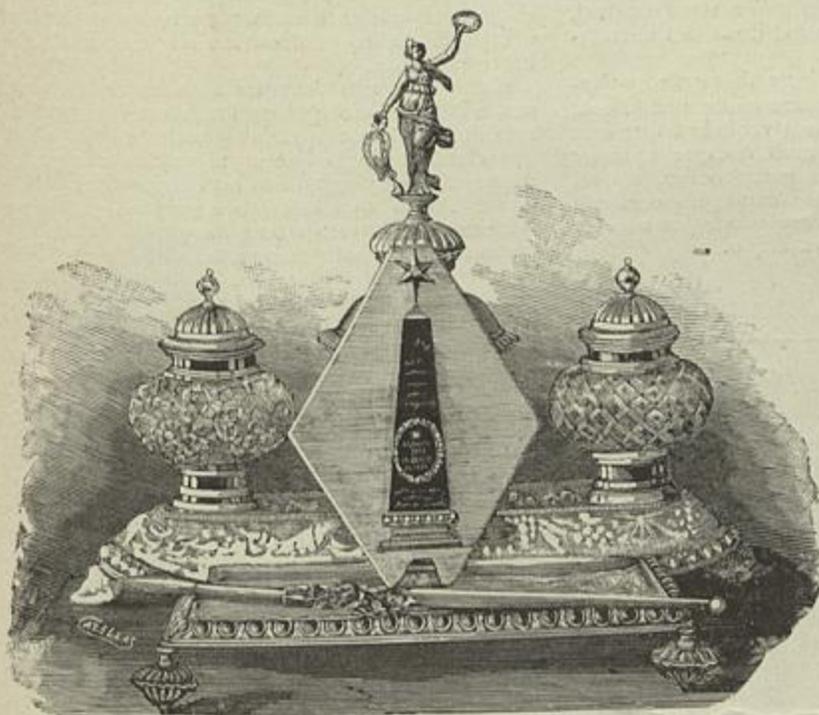
OS VETERANOS — QUADRO DE MALHOA (Desenho de Christino)

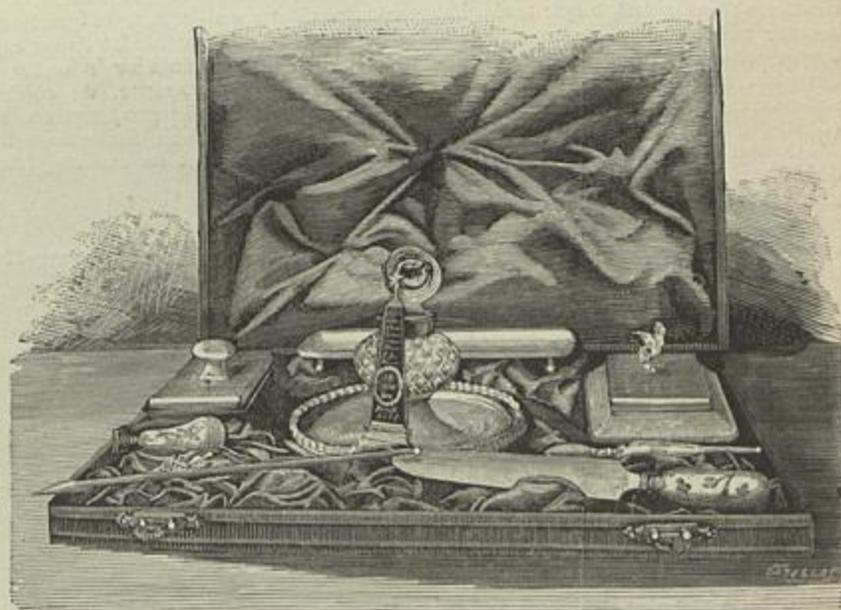
INOCULAÇÕES ANTI-RABICAS [1]

Um dos pontos mais luminosos do congresso de Vienna foi decerto a exposição das experiencias, feitas, em França e fóra d'este paiz, relativamente ás vaccinações preventivas, ou, para melhor dizer,

[1] Extrahido do livro *Affirmações e duvidas sobre os ultimos progressos da hygiene*, por A. M. da Cunha Belem e Guilherme Ennes, delegados de sua Ex.ª o Ministro da Guerra — Echos do Congresso de Vienna, 1888, cap. XI.

PASTA

Offerecida ao Conselheiro João Alfredo, presidente do Governo Brazileiro

ESCREVANINHA

Offerecido ao dr. Joaquim Nabuco

ESTOJO COM UTENSILIOS PARA ESCREVER

Offerecido ao dr. José Marianno Carneiro da Cunha

Presentes da Colonia Portugueza, em Pernambuco, aos pernambucanos que tomaram parte na abolição da escravatura, no Brasil

(Segundo photographias enviadas pelo sr. Antonio Joaquim Barboza Vianna, secretario da Commissão dos festejos)

o relatorio dos trabalhos do sabio Pasteur sobre os modos de se combaterem algumas doenças, nas quaes a vaccina preservadora provém do proprio virus virulento attenuado. Estes processos de laboratorio, que constituem hoje uma escola e até uma arma preciosa contra diversas affecções mortaes, realisam todas as attenuações possiveis e dão umas series de virus, de virulencia progressiva e decrescente, até á virulencia nulla. Ora o primeiro exemplo de attenuação de um virus foi deduzido e demonstrado por Pasteur, a proposito do *cholera das gallinhas;* e se a elle, aos seus successivos trabalhos e aos seus seguidores é necessario recommendar ainda reserva, paciencia e porfia, e se não é possivel por emquanto bradar-lhes o *basta* da conquista finda, não é menos verdade que as vaccinações pastorianas são um relevantissimo trabalho de sciencia, um *tour de force* experimental, que rivalisa com os maiores descobrimentos d'este fim de seculo, rico de maravilhas.

Julguem-o com imparcialidade, se esta prenda não é um ideal fugitivo, e não agora, porque elle vive ainda, mas mais tarde, quando d'elle nos separar um largo periodo de tempo, *grande mortalis ævi spatium*, e então Pasteur será justamente avaliado como uma das mais grandiosas individualidades do nosso tempo. Nem o nebuloso von Frisch, nem o irascivel Peter, apesar da enormidade do talento e dos ataques de um e outro ou de ambos juntos, lhe poderão amesquinhar a obra, que, já hoje, embora imperfeita, é a basilica sagrada, fóra da qual não ha salvação possivel, e em cujo gremio não póde rebentar nem scisma, nem aggravo.

A EXPOSIÇÃO

São muito conhecidos entre nós os trabalhos de Pasteur, os methodos que elle seguiu e os resultados obtidos, para que valha a pena de os descrever n'este logar; e por isso, occupando-nos sómente das inoculações preventivas contra a raiva, trataremos da discussão do relatorio que lhes diz respeito, e que foi apresentado e sustentado pelo dr. Chamberland, na ausencia de Pasteur, doente.

O dr. Chamberland entrou, como em paiz conquistado, atravez da historia das descobertas de Pasteur; e na sua exposição ou argumentação mostrou bem que, sob o seu titulo de simples preparador, se occulta um medico muito erudito e dotado de brilhantes aptidões. Relembrou, em primeiro logar, o estado dos nossos conhecimentos scientificos sobre a raiva, quando Pasteur tomou conta d'esta questão; e expoz as diversas phases, seguidas á descoberta da inoculação preventiva, depois de mordeduras, tal como ella foi apresentada em differentes épocas ao Instituto de França e á Academia de medicina de Paris, após as primeiras tentativas de 1880 e as primitivas experiencias, feitas para se obter a modificação da virulencia, pela passagem do virus atravez do corpo dos animaes. Indicou depois as estatisticas do laboratorio da rua d'Ulm até ao dia 31 de dezembro 1886, e d'ellas deduziu a mortalidade de 1,30 por cento em individuos inoculados, a qual, comparada com a de 30 por cento de alguns auctores, com a de 16 por cento de Leblanc, e mesmo com a de 5 por cento dos optimistas, dá sempre, em favor d'este methodo de prophylaxia da raiva, um triumpho indiscutivel, tanto mais que ninguem o quiz nunca elevar a methodo infallivel, mas sómente a modo racional de tratamento, susceptivel, como qualquer outro e dos melhores, de exito e de insuccessos. Contestou formalmente que tenha havido pessoas mortas, não da raiva communicada pelas mordeduras, mas sim da raiva transmittida pelas inoculações, e, com muitos factos e muitas provas scientificas, concluiu nas seguintes duas proposições:

«O methodo de prophylaxia da raiva em individuos mordidos diminue a mortalidade em uma proporção consideravel;

«Até ao presente, não morreu por motivo das inoculações individuo algum submettido ao tratamento preventivo de Pasteur.

A' DISCUSSÃO

No debate, entraram, em especial, o professor Ulmann, de Vienna e o professor da universidade de Odessa, Metschnikof, sustentando com vigor a prophylaxia do tratamento pastoriano; o dr. Renzi, de Napoles, e o dr. Bordoni-Uffreduzzi, de Turin, combatendo-o, mas sem produzirem effeito apreciavel na assembléa; e o professor, a quem já nos referimos, da universidade de Vienna, von Frisch, o qual, em um discurso tão nublado como inconciliavel, admittiu o tratamento de Pasteur *em principio* e todavia investiu com elle *nas suas applicações*.

O dr. Ulmann, que tem a seu cargo as inoculações preventivas no serviço do professor Albert, tem feito este tratamento a 122 pessoas, seguindo sempre, de um modo rigoroso, as indicações de Pasteur, isto é, repetindo as inoculações durante dez dias, uma vez em cada dia, com um virus successivamente mais virulento. Estes doentes tiveram todos inspecção cuidadosa e attenta, a fim de sómente serem tratados os suspeitos de raiva, e ao todo, apenas occorreram 3 obitos, o que, com referencia aos 122 operados, representa menos ainda de 2,5 por cento.

Dividiu o professor Ulmann estes doentes em quatro grupos: um de 30 individuos, mordidos por cães, cuja raiva se demonstrou, ou experimentalmente, ou por pessoas que a ella succumbiram no mesmo tempo; outro de 72 individuos, mordidos por cães, cuja raiva se provou na autopsia, depois de morte espontanea ou da execução dos animaes; e um ultimo de 20 casos, unicos em que não houve a prova directa da raiva. Entre os casos fataes, houve dois em que as mordeduras assentaram na face e cabeça, sendo ao todo quatorze os d'esta especie mais grave, e o terceiro caso de morte occorreu em um doente mordido nas extremidades superiores, sendo de 72 o total dos operados d'esta classe. Estes tres obitos occorreram todos d'entre os 101 individuos mordidos sobre a pelle despida, havendo 104 doentes, sobre o total de 122, operados já ha mais de seis mezes e comtudo em perfeito estado de saude.

Tambem o professor Ulmann citou numerosos casos de individuos inoculados, em bello estado de saude, e todavia mordidos na mesma época em que foram outros, ha muito tempo já fallecidos; e, apreciando largamente o valor da cauterisação sobre a raiva, fez sentir que lhe morreram todas as pessoas cauterisadas com qualquer agente e sob qualquer methodo, com excepção unicamente de dois animaes, suspeitos d'aquelle terrivel morbo, cauterisados com o thermocauterio e que vivem ainda.

Todos os resultados, obtidos em Vienna pelo professor Ulmann, são pois em favor decidido do methodo de Pasteur, e ninguem ignora n'aquella cidade que o respectivo chefe de serviço, o respeitavel professor Albert, perfilha firmemente convencido as mesmas idéas.

O dr. von Frisch, tambem professor na universidade de Vienna, attraía vivamente a curiosidade da assembléa por se saber que é elle um fero inimigo do tratamento de Pasteur e que o devia alli impugnar com violencia.

Começou por declarar que julga incontestavel o poder-se, por meio de inoculações preventivas, tornar os animaes refractarios a certas doenças infeciosas, em cujo rol está, sem duvida, a raiva, mas ponderou egualmente que a infecção, determinada pela mordedura de um animal raivoso, não é sufficiente prova experimental, visto que muitos casos de mordedura, n'estas condições, não são seguidos de especie alguma de infecção. E, n'esta ordem de idéas, chegou mesmo ás injecções sub-cutaneas de porções de medulla rabica, sem obter, ainda assim, melhor ou mais positiva prova experimental. N'estas condições e com estes resultados, não póde ser favoravel, mais sim desfavoravel, ao methodo das inoculações preventivas.

É certo que Pasteur objecta dever ter-se alterado o virus fixo, que forneceu ao dr. von Frisch, á sua partida de Paris; mas a verdade é que este experimentador não fez mais do que inocular aquelle agente, de coelho para coelho, e que, se se não produziu em taes condições o effeito annunciado, foi então provavelmente por não ser constante na sua respectiva acção.

(Continua)

INSTITUIÇÕES SOCIAES PORTUGUEZAS

A IMPRENSA NACIONAL

(Conclusão)

Em 21 de maio de 1810 a junta administrativa da Regia Impressão, creada por decreto de 7 de dezembro de 1801, junta que mal soube administrar por falta de uniformidade de ideias e de execução, foi extincta, creando-se em seu logar o cargo de *Administrador Geral* na pessoa de Joaquim Antonio Xavier Annes da Costa, então official da secretaria dos negocios da fazenda.

Os grandes serviços que este zeloso funccionario prestou no desempenho do seu pesado encargo, veem descriptos no relatorio do sr. Firmo Marecos, que põe em relevo a brilhante administração d'aquelle homem verdadeiramente notavel pelo seu talento e não vulgar energia.

Era elle infelizmente affecto ao partido anti-constitucional e por isso a revolução politica, que imprevista e subitamente se manifestou em todo o reino derribando o absolutismo, veiu demittir o laborioso funccionario, fazendo-o substituir pelo liberal Luiz Torcato de Lemos Figueiredo, official da secretaria dos negocios da fazenda, que no seu novo cargo pouco ou nada fez digno de menção.

Pelo restabelecimento dos *inauferiveis direitos* e quéda da constituição em 1823, Annes da Costa foi reintegrado no seu logar, dirigindo de novo a Impressão Regia, o que fez desde 28 de junho d'esse anno até 24 de julho de 1833, dia em que as tropas constitucionaes entraram em Lisboa.

Os rendimentos da Regia Officina Typographica durante o tempo da esclarecida administração de Annes da Costa augmentaram progressivamente, devendo aliás notar-se que foi durante esse tempo que n'aquelle estabelecimento se extinguio o esclusivo do fabrico e venda de cartas de jogar, como se vê pelo decreto de 10 de outubro de 1832, extincção que foi causa de grande damno porque d'ali tirava a Imprensa para cima de trinta contos de réis annualmente e o thesouro cerca de seis contos.

Deposto pela politica aquelle funccionario, a cujos merecimentos os proprios constitucionaes fizeram justiça, foi nomeado para o substituir, por decreto de 29 de agosto de 1833, o conselheiro Rodrigo da Fonseca Magalhães, que só dirigiu o estabelecimento dois annos.

Parece que foi durante a sua gerencia que a régia impressão tomou o nome de *Imprensa Nacional*, denominação que mais se coadjunava com os serviços que esse estabelecimento estava fazendo ás patrias lettras, e ás industrias graphicas do paiz.

Em 27 de julho de 1835, sendo ministro do reino Rodrigo da Fonseca Magalhães, foi chamado a dirigir a Imprensa Nacional, Antonio de Oliveira Marreca, mas pouco depois, pela queda do ministerio, Oliveira Marreca foi exonerado sob o pretexto de má administração, segundo a letra do decreto de 11 de dezembro que o exonerou, passando a Imprensa Nacional a ser administrada por uma Commissão composta do deputado José Liberato Freire de Carvalho (presidente) João Vieira Caldas, Gaspar José Marques e Augusto Zacharias Loforte (secretario) [1].

Dissolvida esta commissão em 27 de junho de 1836 foi restabelecido o logar de administrador geral e n'elle novamente provido Oliveira Marreca, devendo tomar posse do seu logar por meio de um inventario feito do dito estabelecimento, mas tres mezes depois o illustre jornalista pediu a sua exoneração, indo substituil-o outro jornalista não menos illustre: José Liberato Freire de Carvalho. [2]

Se mal estavam os negocios da administração da Imprensa Nacional peior ficaram, José Liberato estava então a esse tempo com os seus 64 annos e já cançado e gasto pelas vicissitudes politicas que minam lentamente aquelles que teem a infelicidade de perfilhar ideias politicas e combater por ellas.

Entretando não devemos esquecer que foi na sua administração que na Imprensa Nacional se introduziu a lithographia, destinada á estampagem das cartas de jogar que primitivamente era feita pelo systema xylographico ou de gravura em madeira. Tendo aquelle celebre jornalista obtido a reforma por decreto de 24 de agosto de 1838, a Imprensa Nacional passou a ser dirigida por José Frederico Pereira Marecos, e depois do fallecimento d'este, occorrido em 1844, pelo seu irmão o conselheiro Firmo Augusto Pereira Marecos, que tomou posse do logar em 28 de setembro do mesmo anno.

Seria longo descrever as importantes modificações e o extraordinario desenvolvimento que se manifestou durante a administração d'estes dois esclarecidos funccionarios. Bastará dizer que no desempenho do seu encargo elles foram ao extrangeiro estudar, em duas longas viagens, tudo quanto pelos paizes mais civilisados houvesse sido adoptado de melhor na arte typographica, tudo quanto no nosso paiz fosse util na arte de imprimir compativel com os progressos e as leis da moderna civilisação, tudo emfim quanto de melhor na divina arte de Guttemberg e de Schœffer e na maravilhosa descoberta de Senefelder houvesse sido introduzido e podesse, n'esse sentido, collocar Portugal ao nivel das grandes nações europêas.

Pelo fallecimento do conselheiro Firmo Augusto Pereira Marecos indigitou-se para administrador da Imprensa Nacional o illustre escriptor Pinheiro Chagas. Havia cahido o ministerio regenerador e subido ao poder um gabinete de transicção presidido pelo marquez d'Avila e de Bolama, gabinete que sendo violentamente combatido nas duas casas do parlamento teve de demittir-se depois de dez mezes de gerencia para novamente entrarem os regeneradores.

O marquez d'Avila deu a sua demissão e a do ministerio em 28 de janeiro de 1878.

Poucos dias depois appareceu imprevistamente

[1] *Diario do Governo* de 1835, N.º 294, de 14 de dezembro.
[2] *Diario do Governo* de 1836, N.os 102 e 219 de 11 de julho e 15 de setembro.

na folha official o decreto da nomeação do sr. Venancio Augusto Deslandes para administrador da Imprensa Nacional. É datado do dia 26. O sr. Deslandes é bacharel formado em medicina e em 1858 foi ao extrangeiro em commissão do governo estudar os institutos de ensino florestal e, mais tarde, depois de nomeado director da Imprensa Nacional foi, em commissão tambem, estudar os melhores systemas d'encadernação de livros, d'onde se prova que o illustre director tem andado constantemente deslocado da sua principal aptidão e onde os seus talentos possam ser melhor applicados.

Concluindo resta-nos accrescentar ao que deixamos exposto que a Imprensa Nacional é hoje não só o melhor estabelecimento do seu genero no nosso paiz, mas ainda iguala aos mais afamados dos paizes estrangeiros.

Prolixo seria enumerar tudo o que ha de notavel n'este edificio industrial: a excellencia das suas machinas e os primores dos seus prelos.

São dignos de serem vistos a sua grande prensa hydraulica; a prensa de parafuso para assetinagem do papel impresso; a machina de lustrar o papel antes de se imprimir; a sua potente machina a vapor, o seu prelo mechanico de dois cylindros que imprimem 1:000 folhas por hora, os seus prelos columbianos de Saveaux, as suas prensas de Stanhope, o seu excellente tympano graduado para estampagem a côres, as guilhotinas para aparar livros, as machinas de *guislocher* para os traços nas encadernações, os numerosos galvanius e de estereotypia, os moldes de mil formas e feitios, as machinas de fundir e dos punções, a de clinchar, a de crenear, a de chanfrar e a de rebarbar; a serra mechanica, a machina de furar, a de fieira, etc. etc.

Entrar na vasta officina typographica, na lithographia, na estamparia; passar á officina das cartas de jogar, á de gravura, á da fundição de typos, descer ás officinas de serralheria... ver tudo a funccionar em dias de grande faina é simplesmente admiravel.

O pessoal é numerosissimo e bem industriado. Só ali são admittidos como officiaes as primeiras capacidades artisticas no genero graphico; tudo quanto d'ali sae não póde ser excedido em nitidez, não póde ser mais perfeito nem mais primoroso.

Se um dia—que oxalá não venha longe—se fizer uma grande exposição internacional das artes graphicas em todas as suas multiplices applicações e manifestações; se um dia se fizer um certamen universal de tudo quanto a typographia e lithographia alliadas, a pani-conographia, a chromo-lythographia, a stereotypia e a gravura nos seus differentes processos pódem produzir de mais bello, de mais admiravel, de mais assombroso, se esse dia chegar—o que suppômos não virá tarde—e a nossa Imprensa Nacional concorrer, temos como certo que ella alcançará mais um brazão honroso, mais um florão na sua realeza artistica para juntar aos seus tropheus de victoria colhidos nas pugnas do trabalho, porventura as mais nobres e as mais gloriosas da actividade humana.

Silva Pereira.

A COMEDIA DA VIDA

O ROMANCE D'UM AMANUENSE

X

O Leitão ficou muito intrigado com o collossal *successo* hilariante das suas palavras. E tanto mais admirado quanto estava pouco habituado a que lhe achassem graça.

Agora era já a segunda vez que isso lhe acontecia: a segunda vez e a seguir.

Mal elle abria a bocca, vinha tudo abaixo com gargalhadas.

E muito espantado, o pobre homem olhava para toda a gente, sem saber a que attribuir o *successo* que as suas perguntas tinham tido, sem perceber inteiramente nada da immensa graça que estava tendo.

A D. Ephigenia é que ficou deveras enbatucada com a pergunta innocente e simploria que elle lhe dirigira, e, fazendo-se de côres, poz-se em pé simulando um sorriso, e resmungou:

—Foi... foi n'isto... foi!...

E sem querer saber de mais nada, sem se importar se reparavam n'ella no meio do reboliço enorme que ia na sala, atravessou desembaraçadamente a casa, chegou-se ao pé de seu filho, e ordenou-lhe com voz imperiosa:

—Anda, Dominguinhos, ataca já o incendio!

O Dominguinhos continuava em pé, no alto da sala, agarrado á cadeira.

O suor corria-lhe em cascata pela testa e pelas faces brancas como a cal da parede, o olhar tinha o que quer que fosse de vago, de alheiado, e como que imbecilisado, indifferente ao estrondear das gargalhadas, que já se não escondiam cerimoniosamente, que eram descaradas e insolentes, remoia na bocca as palavras «escassa... escassez... escassidão» como um cavallo ocioso remoe o freio.

Quando sua mãe lhe fallou, elle era tão pouco d'este mundo, que nem reparou no que ella lhe dizia, e olhou-a espantado, com um olhar que mostrava bem nada ter comprehendido.

A D. Ephigenia então repetiu-lhe:

—Ataca já o incendio!

A Ignacinha, que não percebia lá muito bem porque eram aquellas risadas todas, mas que entretanto percebera—ahi chegára a sua intelligencia—que o seu namorado estava fazendo uma tristissima figura, quando viu dirigir-se para elle a D. Ephigenia levantou-se, aproximou-se tambem do Dominguinhos, e achando muito acertado o conselho que a mãe lhe dava, veiu em reforço d'ella dizendo-lhe tambem, não em voz de commando, mas com uma inflexão cheia de supplicas.

—Ataque já o incendio!

O Dominguinhos olhou tambem para ella começando a perceber.

A menina Alice, que não perdia um só dos movimentos da sua rival, acercou-se do Dominguinhos e fingindo-se muito interessada por elle, muito magoada com a montaria que se estava fazendo, soltou um dominador:

—Schiu!

E explicou logo n'estas palavras ditas com a maior seriedade:

—Calem-se, calem-se que elle vae já atacar o incendio!

A voz da Alice é que chamou de todo o Dominguinhos á realidade da sua situação, e com uma coragem heroica, recobrando pela terceira ou quarta vez animo, lançou um olhar terrivel á sua antiga namorada, um olhar de quem ia prompto tirar brilhante desforra, e com voz vibrante e firme disse ainda mais uma vez:

—Meus senhores!

E como se tivesse medo de se embrenhar de novo nos prefacios que o tinham atrapalhado tanto, metteu-se logo ao assumpto, sem uma pausa sequer.

—A noite estava escura e sombria.

«N'um ceo de chumbo acastellavam-se nuvens negras, ameaçadoras, semelhando planos sinistros que se encastellam na mente esbrazeada d'um criminoso, que outra coisa não é a mente d'um criminoso senão uma noite escura de vendaval!

—Bravo! bravo! grita a menina Alice com um bello ar de troça.

—Bravo! repete tolamente a Ignacinha.

—Schiu! fazem de todos os lados da sala os assistentes para ver se agora aquillo acabava sem mais interrupções.

O Dominguinhos agradeceu com um olhar o bravo da Ignacinha e proseguiu.

—«O olho do homem procurava debalde na immensa cupula celeste que lhe serve de paternal abobada uma estrella que lhe fosse fanal e guia, qual naufrago em mar proceloso procura o olho da Providencia encarnado n'um farolim, e não vê senão as vagas alterosas e negras elevar tão depressa o fragil batel aos pés do throno do Altissimo, como tão depressa afundal-o nos abysmos insondaveis dos subterraneos do mar!

—Bravo! disse muito simploriamente, sem nenhuma convicção, como se chamasse alguem que tivesse este nome, o sr. Leitão intrigado e beliscado por sua esposa para applaudir, para compensar com o seu enthusiasmo d'agora, o *fiasco* de ha bocado.

—Entretanto, prosegue o Dominguinhos, senhor do assumpto e tendo recuperado de todo o sangue frio, entretanto, como a sciencia do homem tudo explica, essa noite medonha tinha a sua explicação natural n'um facto devido á actividade intellectual do homem pensante e laborioso

«Esse facto tem na historia da industria humana o nome vulgar e generico de kalendario.

—Muito bem! interrompeu de novo beliscado o sr. Leitão.

—Depois de olhar no ceo para a immensidade sem obter a decifração d'essa furia dos elementos collossaes, o homem olha na terra para o kalendario e a sphynge revela o seu segredo.

«Estava-se em dezembro e a noite era uma noite invernosa, porquanto o inverno deslisava suavemente sobre Lisboa adormecida.

«Eu amo o temporal!

—Bravo! Bravo! disse a sr.ª Leitão, porque seu marido já estava tão pregado no somno que não havia beliscões que o fizessem fallar.

—«Amo o temporal! repetiu em oitava alta o Dominguinhos.

«Quando o vendaval se desencadeia furioso, eu gosto de sentir as lufadas geladas do tufão beijarem-me a fronte escandecida pelas vigilias do estudo; gosto de ver rodomoinhar no espaço negro os raios multicores e esconderem-se no chão aos meus pés, gosto de ouvir a musica agreste do trovão ribombando pelas penedias da encosta!

O Dominguinhos fez uma pequena pausa para dar logar aos *bravos*, mas não era preciso esse incommodo, porque o auditorio estava já quasi adormecido de todo.

A Alice começára a fechar os olhos por brincadeira, mas agora já os tinha fechados a serio, e apenas a Ignacinha fazendo esforços sobrehumanos se conservava acordada olhando para o Dominguinhos, mas não percebendo nada do que elle dizia.

Passada a pausa elle continuou:

—A noite ia alta!

«Lisboa dormia, eu dormia, tudo dormia, menos a natureza em furias.

«O ronco d'um trovão despertou-me.

«Ergui-me e cheguei á janella, por dentro da vidraça.

«A chuva cahia torrencial nas pedras humidas da calçada.

«Vesti-me; sahi e fui para o passeio de S. Pedro d'Alcantara.

«O panaroma era magestoso:—não se via nada! As trevas densissimas eram apenas cortadas a espaços pelo fusilar d'um relampago e o bruxulear d'um candieiro da calçada do Lavra.

«Perante esse imponente espectaculo do vendaval agasalhando a cidade adormecida nos seus poderosos braços humidos pensei de mim para mim:

—E se agora houvesse um incendio!

«Parece que Satanaz me ouviu, porque, meu dito meu feito!

«Eu a pensar isto no meu cerebro e um sino a tanger no meu ouvido.

«Ao principio pensei que fossem horas.

«E puz-me a contal-as, o que me era tanto mais facil quanto o vento rijo que soprava vinha depôr-m'as mansamente na minha trompa d'Eustachio.

«Uma... duas... tres... seis... dez... doze... quatorze...

«Eram horas de mais para horas.

«De repente a escuridão densa da noite é cortada por um clarão por detras de Santa Justa e Rufina.

«E de todos os angulos da cidade adormecida ergue-se um grito unisono e ruidoso:

—«É fogo! É fogo!

E o Dominguinhos a declamar essa exclamação, e toda a gente que estava na sala a levantar-se em tropel correndo para a janella e gritando tambem:

—É o fogo! É o fogo!

Effectivamente era o fogo do passeio que começava, annunciado pela tradiccional salva de morteiros, o primeiro dos quaes, coincidindo com a exclamação do Dominguinhos, accordára e alvoroçára todas as visitas do sr. Leitão.

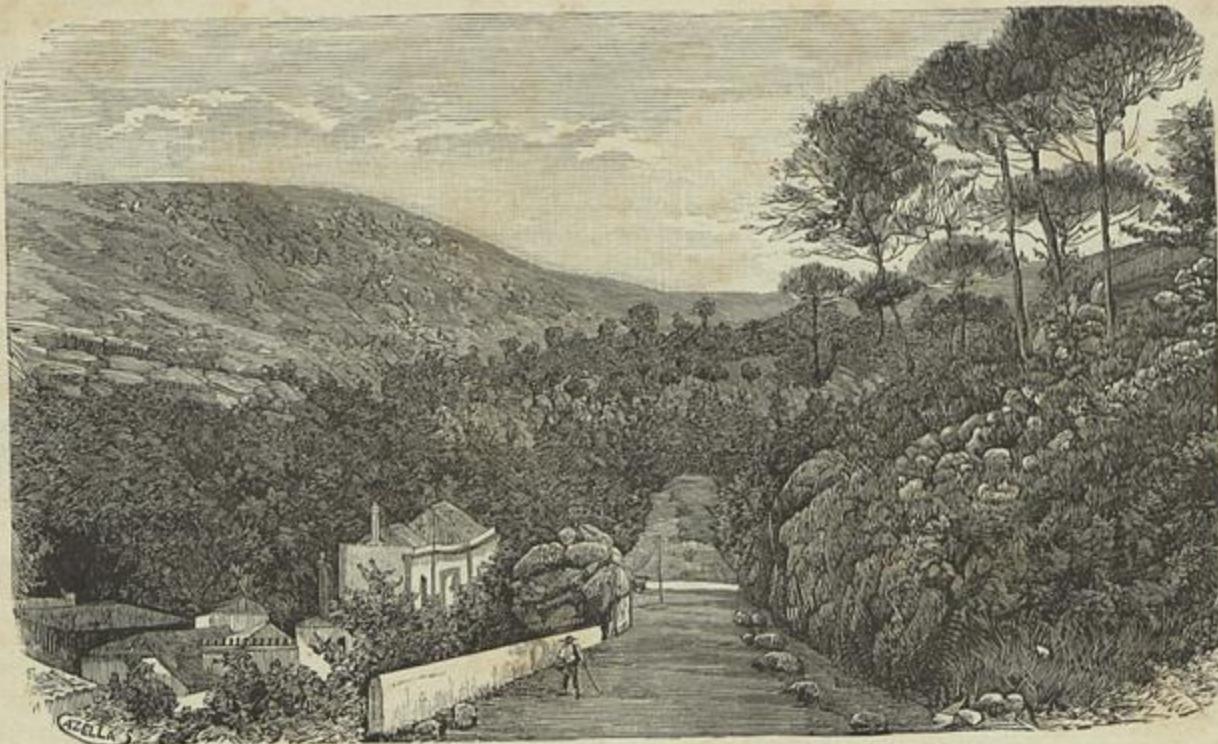
E o Dominguinhos, attonito, achou-se sósinho no meio da sala, agarrado á cadeira, a repetir:

—É fogo! É fogo!

Até a Ignacinha, a propria Ignacinha não fôra superior á salva de morteiros!

(Continúa) *Gervasio Lobato.*

RESENHA NOTICIOSA

VIAGEM REAL. Sua Magestade a Rainha D. Maria Pia e Sua Alteza o Infante D. Affonso chegaram a Vienna d'Austria no dia 24 de outubro, guardando rigoroso incognito. No dia 26 Sua Magestade deu um jantar a que assistiu o ministro portuguez com sua esposa, e no dia 27 convidou para jantar os archiduques Rernier e a embaixada portugueza. No dia 29 partiram os reaes viajantes de Vienna, em direcção a Paris e Hes-

CALDAS DE MONCHIQUE (Segundo uma photographia)

panha, devendo chegar a Lisboa nos primeiros dias d'este mez.

EXPOSIÇÃO DE VINHOS EM BERLIN. Foi muito bem recebida, em Berlin, a exposição de vinhos portuguezes, a qual foi inaugurada no dia 27 do mez passado. Houve uma ceia em que se serviu vinhos portuguezes que foram muito apreciados. consta que alguns negociantes de Berlin fizeram já encommendas de vinho.

EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE PARIS EM 1889. Parece que Portugal sempre concorre á exposição universal em Paris em 1889. O sr. dr. João Chrysostomo Melicio, que foi a Paris tratar d'este assumpto, conseguiu obter ainda um espaço de 2:000 metros quadrados para a instalação dos productos portuguezes.

O PINTOR SALLES. Falleceu em Braga o sr. José Vicente de Salles, que foi retratista de D. Miguel de Bragança. O finado foi um artista muito distincto, que fez a sua educação em França e em Roma, subsidiado pelo governo de D. João VI. Viveu muitos annos lá fóra por não querer reconhecer o governo da Rainha D. Maria II e pelo que lhe foi retirada a pensão do Estado. Ha annos, porém, que vivia em Braga, onde fez ainda alguns trabalhos de pintura e de photographia, mas a velhice impossibilitou-o por fim, e ultimamente vivia de esmolas. Quando El-rei D. Luiz esteve o anno passado em Braga apresentaram-lhe o pobre artista octogenario, e Sua Magestade mandou dar-lhe de sua conta, uma mezada de 12$000. Salles pouco se aproveitou d'este beneficio; os seus oitenta e quatro annos pesavam muito e elle não lhe pôde resistir. Descance em paz.

O DIVORCIO DO REI DA SERVIA. Foi definitivamente pronunciado o divorcio do rei Milan com a rainha Nathalia. A rainha, porém, protestou contra a illegalidade d'esta decisão. Os partidos politicos da Servia agitam-se pouco tranquilisadoramente.

PADROADO DO ORIENTE. O papa resolveu foravelmente as questões que se achavam pendentes, a respeito da adjudicação das egrejas de Varelim e Dabril á diocese de Damão, e das egrejas de Vypee, Tevere e Pallipuram á diocese de Cochim.

ADELINA PATTI PREMIADA. O governo francez conferiu á celebre cantora as palmas de official da Academia Franceza. Patti recebeu esta mercê durante um concerto que deu em Swansea em beneficio do hospital, beneficio que produziu 4:500$000 réis. Quando foram entregues a afamada cantora as insignias, no palco, o concertista Tito Mattée, que tomara parte no concerto, executou no piano a *Marselheza*. Patti foi muito victoriada e mostrou-se estremamente commovida.

REPRESENTAÇÃO DO «FAUSTO» NO PORTO. Um grupo de distinctos amadores de musica sob a direcção do maestro Pontecchi, foi ao Porto dár uma recita do *Fausto* em beneficio da viuva e filhos do fallecido violinista portuense, Augusto Marques Pinto. Foi uma obra meritoria coroada do mais feliz resultado, pois a execução do *Fausto* agradou muito sendo calorosamente applaudidos os distinctos interpretes as Ex.^mas Sr.^as D. Sophia Mello e Castro, que fez a parte de *Margarida*, e D. Maria Augusta Coelho da Cruz, a de *Siebel*, e os Ex^mos Srs. Alvaro Roquette, no papel de *Fausto* D. Francisco de Souza Coutinho, *Valentim*, D. José d'Almeida, *Mephistopheles*, João Carlos Pinto Ferreira *Wagner*. O maestro Arthur Pontecchi dirigiu a opera e o Ex.^mo Sr. Antonio Duarte da Cruz Pinto ensaiou os coros.

PALACIO DE JUSTIÇA. Desde muito que se sente em Lisboa a falta de um palacio de justiça onde os tribunaes civis funccionem com decencia, segurança e commodidades indispensaveis. O sr. ministro da justiça, resolveu attender a esta necessidade, e abriu concurso para um projecto de palacio de justiça, que se deverá construir na Avenida da Liberdade. No ministerio da justiça estão patentes as condições para o concurso. O projecto que fôr approvado em merito absoluto, terá o seu auctor o premio de 1:800$000, e o projecto que fôr classificado immediato em merito, o premio de 900$000. Além d'isto haverão menções honrosas para os projectos que as merecerem.

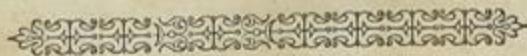
ZEPHYRINO BRANDÃO. Partiu no dia 29 do mez findo para o estrangeiro, o distincto colloborador d'este periodico o sr. Zephyrino Brandão, dignissimo capitão de artilheria e sub-chefe da 4.ª repartição do ministerio da guerra. O sr. Zephyrino Brandão, auctor do livro *Monumentos e Lendas de Santarem*, publicado em 1883, e de outros trabalhos litterarios de importancia, vae incumbido de uma commissão especial da arma de artilheria, e ao mesmo tempo visitar os archivos publicos de Londres, Paris e Roma, onde se encontram muitos documentos importantes, que dizem respeito á nossa historia, e que o sr. Brandão precisa consultar para a historia politica que está escrevendo dos reinados de D. Affonso VI e D. Pedro II.

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Curso de lingua Hespanhola, *methodo de Ahn* por H. Brunswick. Livraria Internacional de Ernesto Chardron, Lugan & Genelioux successores, editora, Porto, 1888. Sendo a Hespanha um paiz tão nosso visinho, é todavia certo que em Portugal pouco se cultiva a lingua hespanhola, pela simples razão de ser relativamente facil aos portuguezes entenderem o hespanhol, quer escripto, quer fallado. Outro tanto, porém, não acontece aos hespanhoes, que difficilmente entendem o portuguez, o que importa elles terem mais necessidade de aprender a nossa lingua. Mas é sabido o quanto os hespanhoes são refractarios ao estudo das linguas, do que resulta o ter de saber fallar hespanhol quem quizer entender-se com hespanhoes. N'estas circunstancias, a publicação de um livro que ensine os portuguezes a fallarem hespanhol era de ha muito reclamada, dada a convivencia, que n'estes ultimos tempos se tem estreitado entre estes dois povos da peninsula, e para isso o *Curso de lingua hespanhola* do sr. Brunswick vem perfeitamente a proposito.

Album de Costumes Portuguezes, David Corazzi editor, Lisboa. Fasciculo n.º 12. O typo que este fasciculo publica é o do *Aguadeiro*, com um artigo de Julio Cezar Machado. Magnifico na parte artistica e litteraria. Os chromos feitos na lithographia Guedes são primorosos.

A Imprensa, *revista scientifica litteraria e artistica*. Director litterario Affonso Vargas. n.º 38, com bem escolhidos artigos e poesias.

Almanach Illustrado do Occidente
Para 1889

8.º ANNO DE PUBLICAÇÃO

Sahirá brevemente a publico este magnifico annuario, profusamente illustrado e com artigos escolhidos.

A capa, em chromo, é uma graciosa composição allusiva á Exposição Industrial Portugueza, por Caetano Alberto.

Preço 200 réis e pelo correio 220 réis

Recebem-se pedidos na

Empreza do Occidente

Travessa do Convento de Jesus, 4

(AO POÇO NOVO)

LISBOA

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica.

TYP. CASTRO IRMÃO — Rua do Marechal Saldanha 31 — Lisboa